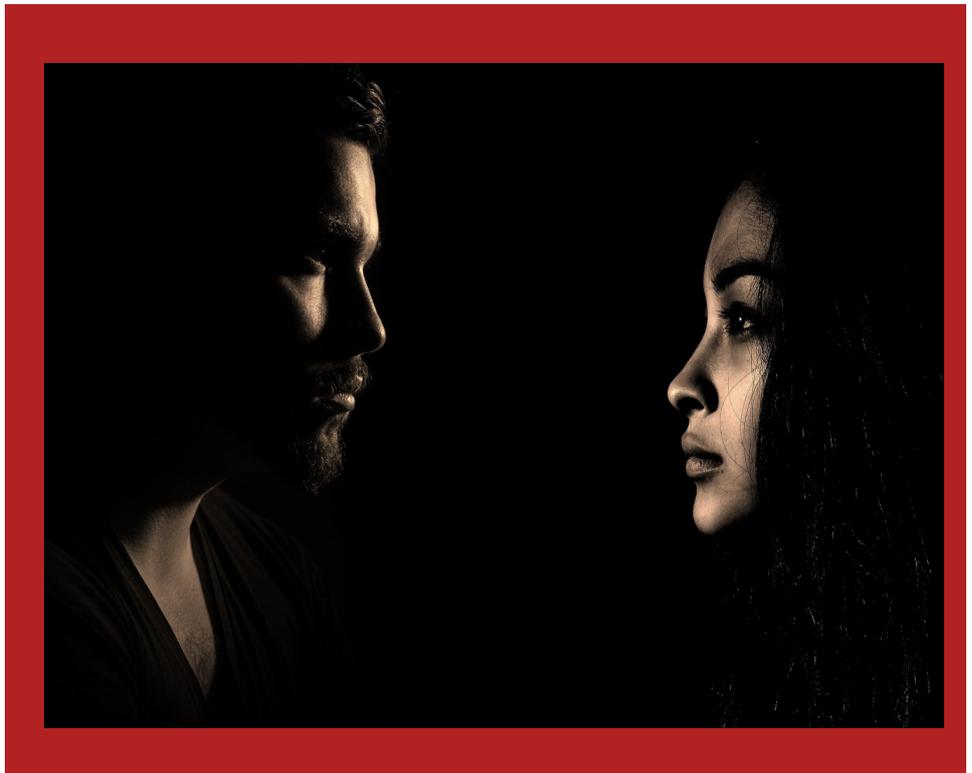


O Teatro de Sombras

Paulo Manoel Ramos Pereira



AMAR A POESIA, DIGITALMENTE

A poesia em formato digital terá o mesmo
sabor, o mesmo odor?

Seremos capazes de encontrar o prazer da
leitura num ecrã de computador?

Editamos poesia desde 1996 e queremos,
agora, dar o passo para além dos limites do
papel.

E cada leitor poderá, em sua casa, imprimir e
construir o seu livro. Também ele cúmplice
desta batalha pela poesia que não pode ter
fronteiras, nem barreiras.

Elefante Editores

Preâmbulo

Para Lola.

O quanto perco em luz conquisto em sombra.
Carlos Pena Filho

*Fizeram-me poeta,
Piérides; são meus estes versos; me chamam
vate os pastores: eu não sou assim tão crédulo;
pois de Vário ou de Cina eu não fiz nada digno,
e grasno como ganso entre cisnes canoros.*
Virgílio

Lira Afinada

A estreia de Paulo Manoel Ramos Pereira na poesia, com *O teatro de sombras*, é auspiciosa porque revela um autor jovem que domina com zelo os recursos da expressão literária.

Escrevo a palavra “estrelia”, mas talvez seja prudente trocá-la por “continuidade”, visto que, em ocasiões anteriores, ele já tinha demonstrado a sua verve criativa no gênero em diversas publicações: nos fanzines que distribuía generosamente aos amigos, no seu blogue pessoal e nas antologias de poemas organizadas por Goiânia Clandestina, nome de um coletivo do qual, além de ativista, é um dos fundadores junto com Mazinho Souza. Nesses trabalhos, pode-se encontrar a gênese de sua poesia que este livro, agora entregue ao público, só confirma de modo contundente: eis, portanto, um talentoso escritor que deve ser doravante observado com atenção.

O teatro de sombras é dividido em duas partes. A primeira, intitulada “Densas sombras”, coloca o leitor em contato com approches díspares, que só uma fabulação poética sensível pode tecer. É assim que as motivações ora são sugeridas, ora são enumeradas, ora traduzem o espanto do poeta diante do objeto que perscruta. Poemas reflexivos e enigmáticos (que às vezes beiram o nonsense), descrições comparativas, ironias talhantes sobre o desencontro amoroso e o fazer poético emanam, ainda, outras cintilações do espírito. Sim, não custa lembrar, o humor pode ser também apreciado, enquanto certas reverências dão tom solene à dicção.

Já a segunda parte, “Meia-luz”, como o próprio título anuncia, gratifica o leitor com um exercício de composição de difícil carpintaria, a métrica e as estruturas da forma canônica sendo revolvidas e variadas em uma musicalidade que, mais do que animar os sentidos, realça a afinação de sua lira. Por vezes, o eu lírico toca o desencanto.

Essas duas partes – é preciso reconhecer – têm pujante vitalidade. Apesar do aparente desequilíbrio, visto que combinam modernidade com tradição, elas são, contudo, complementares e algumas vezes se inter-relacionam, pois nelas esplendem a versatilidade do autor e a perspicácia de aproximá-las tematicamente. Em face dessa vivacidade, o que almejar mais de um livro de estreia? A resposta talvez venha das sábias palavras de Horácio: o poeta é aquele que acende o fogo para afastar a escuridão e iluminar o caminho.

Luís Araujo Pereira

Professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. É mestre em Estudos Literários pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, de Paris. Integrou em oito edições o júri de seleção do Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (Fica). Publicou os seguintes livros de poemas: Ofício fixo (1968), Linhas (1994), Minigrafias (2009), Poésie pour dire moins (2013) e Garatujas (2016). Participou da organização e apresentação do Caderno do MIS nº 5.

Densas sombras

A mácula

Você maculará a magia maior,
a vida, com a magia menor,
a poesia. Porque a ti só te resta
encarar a desfaçatez do mundo
por uma fresta de beatitude
e imaginação; por um artifício
de beleza emprestado aos profetas.
E maculará a lógica de seu tempo,
os inquisidores de sua cidade,
com um pedaço de treva grega
ou de copiosa trova portuguesa.
E não tirará proveito algum
que valha da pena um testamento,
mas nem por isso corará de ombreá-la
com o sabre, o fuzil e o canivete.

Explicação do adeus

O termo contumaz e a ação costumaz:
deixar — seja de lado ou para trás
e elevar o tchau a figura de proa.
Torná-lo estandarte e armas de sua pátria
e valorá-lo como maravilha entre outras mil.
E dizê-lo, não com orgulho, mas sem
[escapatória:
a alma, antes leve, inflada de graves penas.
Onde a vida breve com a devida vênia?

Política literária (infantojuvenil)

O poeta que sou discute
com o poeta que quero ser
qual dos dois é capaz de cantar
melhor a criança que fui.
Enquanto isso a criança que fui
se decepciona com o futuro
que a aguarda e vai desenhar outro.

Na terceira década do século XXI

Algumas coisas fazemos
apenas para lembrar
que o mundo acabou.
Abastecer o carro, ouvir
Paulo Vanzolini e marcar consultas:
são bons exemplos.
Algumas coisas faremos
para resgatar o mundo
de seu estado terminal.
Pensemos enterrá-lo.
(Já é um destino mais digno,
já é um rito a menos.)

Prodígio

O homem está sem sorrisos
mas sabe que o vinho é capaz
de retirá-lo do estado de água
e do fundo do poço. E opera o milagre
bíblico, rubro, hebreu. Embalde
isso tudo, o poder do prodígio.
O cínico sabe do dia que segue
a sorte de ressacas. A física,
a moral, e também aquela
das ondas na areia do litoral.
(Um movimento manso,
que começa por encantar
e termina por decantar,
no fundo do mar, o demais.)

Explicação da falta

Reconheço-me peça de quebra-cabeças
perdida há vinte e poucos anos.
No escaninho imaculado passo os dias,
entre teias de aranha e esquecimento.
Refletida na poça d'água que a goteira
faz no chão, a tendência à mágoa
que reduz lembranças a rancor.
Fiz falta na mão de criancinhas
ansiosas por ordem e completude.

He hum estar-se preso por vontade

Daremos corda a tudo que signifique desenlace, decisão e fecho para nossa história. Mas que não nos arme a amargura: que seja vestindo armaduras que nos distanciemos, indubitáveis, a pagar com juros, impostos e multas os muitos passos que damos, diametralmente opostos rumo, cada qual, a seu abismo pessoal, seja cova, vala, penhasco, ribanceira, desfiladeiro, fossa, poço ou aceitação.

É mais tarde do que supões

O tempo: a maior das guerras santas;
a ameaça moral e bélica definitiva.
O sabor dos ontens à frente: derrota
e baixa graves; o espectro que ronda
os aniversários e as datas especiais:
debandada primeira dos exércitos
aliados. O tempo: Guerra dos Seis Dias
ou dos Cem Anos; impossível regrá-lo,
mesmo à luz dos mortos e das ruínas.
Assemelha-se sempre ao fim de uma
Babilônia; soa incontornavelmente
uma Inquisição, o tempo: garras
lancinantes sobre corpos e eras.

Um dos deuses mais lindos

O tempo e seus assessores diretos:
angústia, arrependimento e aceitação;
pró-reitores dele, empresa cruel. Tempo:
vilão prefixo de tudo quanto viva, seja
árvore, peixe, macaco, bactéria, homem
ou anti-homem. É um segredo, o tempo,
arauto antívida: biodegradante e biodegrado.

O grande circo místico

Sinto-me disposto ao picadeiro
sempre que desperto. Ou represento
o palhaço, motor e objeto de escárnio,
ou faço-me o escapista, habitante
inato de seu momento derradeiro.
De outra forma, jamais iria à vida
e seu intangível jogo? Ou jamais
o contemplaria, circo pegando fogo?

Outro picadeiro

O leão foge de sua jaula.
O mágico falha em seu truque.
O escapista morre no tanque d'água.
A trapezista despenca no chão.
Tudo bem. A plateia não saiu de casa.
O palhaço? Lê poemas.

O teatro de sombras

O teatro de sombras talvez
feche as portas; jamais apaga
as luzes. Eu e você, os bonecos,
dirigiremos nossas silhuetas
a um anteparo. Estamos às cegas,
mas os soberbos nos veem e ouvem,
riem, se emocionam com a vida
que nos é influída, não a nossa,
porque aos inanimados ela falta.
O titereiro não deixa-se mostrar.

Outro palco

Ao menos minha sombra
está a meus pés. (Sol a pino,
ainda penduro-te nuns pingentes
de brincos e dou-te a uma bela
mulher.) Observo meus gestos
nesse espelho negativo, ancião,
negro decalque da realidade.
Outra face de tudo estampa-se
em uma sombrinha de nada.

He hum contentamento descontente

Quando meu amor fala da boca para fora,
eu correspondo deixando o que foi dito
entrar por um ouvido e sair pelo outro.
E creio que estamos conversados, senão
entendidos: por força do que calamos
ou esbaforimos, pesos e contrapesos
da sensual balança, sensibilíssima urna.

Locus amoenus

Shangai ou Xingu: onde esconder-me
feito tatu? (Onde virar bola inutilizada
nas mãos do gandula nada requisitado;
onde transmutar-me em sabonetes de hotel,
que vivem se muito a toska das aventuras;
onde? É para lá que dirijo minha viatura,
meu tanque de guerra.) Seja lá Shangri-la:
desendereço a que guie-me a desbússola.
E a situação vassala, um suserano deboche.

Itinerário

Há que manter nos trilhos
os humores, as aparências,
as expectativas, as reações,
as relações, a filosofia pessoal.
Em suma, há que manter-se nos
trilhos: o corpo bem amarradinho.
Então, comprada a passagem
desta para uma melhor, esperar
que a vida se repita na estação.

A flor sem charme

Para ser como a flor sem charme,
esquecer do carma, da ânsia que
obriga a sedução, esquecer mesmo
as dificuldades do mangue, as existências
exangues, de tudo de importância
menos ou mais a florada. Rogar apenas
o inaudito dos lamentos e tornar-se
um só junto ao abandono. Seja dono
das próprias mãos abanando, suas
pétalas sem perfume e sem graça.
Há um lugar para si, senão nuns
cantos desprestigiados dos jardins,
numa sarjeta qualquer, seu ainda lar,
vala de bueiro, céu de boca de lobo,
onde reflorescer passando ao largo
de tantas belezas replastificadas
e driblando a parca luz das vitrines.

O vaticínio

Ai, vontade de ser peteca
na mão das crianças.
Bolinha de gude nos rincões
de qualquer quintal.
Ai, vontade de não ser responsável
por nenhum vaticínio.
Mas já que de mim o mundo requer
a tosca profecia, profiro-a:
Você, ninguém, nada nunca trará
o mundo debaixo das unhas.
Por mais sujas que estejam.

Atos de Pedro

É quanto resta-me de consolo em cada via, seja crúcis ou ímpia: prostrar-me de joelhos, vencido, e disto observar pegadas e ímpetos sob a sombra sinistra do futuro, imprecendente nas estrelas lhanas e safas do céu e irreflexo nas poças de qualquer romana lama. Pois daí, indagar, de mãos aos céus (mais a mim do que às divindades?): domine, quo vadis?

A metafísica da goiaba

Eu me pertenco como
a goiaba à goiabeira:
definitivamente parte,
até o momento vertiginoso
que desgarre-me do todo.
E então fico entregue —
a vermes que me cavucam
as carnes; a bocas belas
que me devoram; ou feias
e banguelas que a mim
cospem. Eu pertenco-me
para somente: abandonar-me
e depois regressar: semente.

Routine on canvas

Pintem-me esta cena: uma espada, como a de Dâmocles, a sempre pender sobre a cabeça de um homem; acima da espada, uma forca, que já ameaça ao homem tomar as formas do pescoço; por fim, sobre a forca, uma guilhotina, cujo fio os raios de sol fazem cintilar. Pintem-me: estou assim às terças-feiras.

He servir a quem vence o vencedor

Agora que adormeceram em nós Marco Antônio e Cleópatra (não extasiados, pois só desgostosos), aquele amor que rompia grilhões hiberna no passado. Não insistamos exílio na profunda África, no Oriente, ou paz alguma em qualquer dos cantos do mundo conhecido; não estejamos dispostos a arabescos eternos retornos. De vez que serpentes, mas não ouroboros, no seio e adagas no ventre cumpram o protocolar entanto trágico destino.

Zigeunerweisen

A alma obsoleta ainda recita
a letra de uma triste cantilena,
uma ária cigana, menos ária
que árida e estia, um estilete,
faca retrátil de rasgar solidões
e espedaçar retratos: só lâmina.
E lhana, no entanto, é essa arma
e tudo que emana: o tempo já ido;
a Dulcineia de graças esgotadas;
a lama esgotada de si mesma.

Mané

De dentro de mim sai o torto
Mané Garrincha pronto para driblar
Deus, o mundo e todo João.
E prestes a ser driblado por Deus
(um cartola do universo), o mundo
(os carnavais pecados) e todo João
(as insignificantes mas cruéis opiniões).
Não há estrela mais solitária
do que a cadente, sempre no trecho
médio de uma descendente.
E nem por isso legada à poeira
cós mica, mas a ícone zodíaco
e mais alta Alegria do Povo.

A chegada do sonho

Quando o sonho vier
será anônimo meu nome.
Indiferente meu sexo.
Inexata minha idade.
Embaciado meu retrato.
O sonho, quando vier,
saberá de mim apenas
o que aprendi com Quixote.
E como saí do vigésimo primeiro ano
do vigésimo primeiro século.
Saberá ainda (e por fim):
quantas grafias possuo
para a mesma palavra.
A palavra Babel, grafada
em minha lápide de papel.

Cinessonho

Tenho uma coleção de cenários para meus sonhos, sets de filmagem etéreos, platônicos, onde correm roteiros metafísicos. Aludem a espaços reais, mas têm a graça descontínua da imaginação (desprovida de orçamento inicial e deadlines). Repetem-se sempre as locações, a situação jamais. Suponho Kurosawa ou Peckinpah por trás de alguns planos, mas dou-me conta do medonho: de nada vale cogitar sua autoria. São meus inegociavelmente e muito mais impressionantes foram quando sem remédio sonhos eram. Sem verso que maculasse a magia.

Cabala menor

Algumas coisas estão distantes
no momento em que escrevo.
Minha morte e seu perfume
de meus medos, por exemplo.
Outras, as alcanço com a vista:
meus dedos e minha cabeça
criando mundos. Esta empresa
por demais complexa é quanto
resta-me. E descrevê-la: nesga
de passatempo no expediente cruel.
Minha poesia há de demitir-me,
mas depois de admiti-lo, leitor.

He solitário andar por entre a gente

O amor que se dilata cai feito luva nos homens de lata, que carecem mesmo de coração e alma, matéria-prima com que possam a outrem desiludir, decepcionar emocionalmente. O amor que se dilata expande-se porquanto caiba em qualquer vão, os vãos de dentro. E joga sua rede por sobre os homens enlatados, reféns do eterno luto: o do enferrujar do maquinário obsoleto da sensibilidade. O amor que dilata-se ainda peca por pôr a mão no fogo; ainda troca physis e psique; ainda roga, ruge e surge para que fique.

O poeta curatelado

O poeta curatelado indigna-se com a hipocrítica; a quem exalar o pouco suor, a muita farra, o forro natural? O poeta curatelado carece de holofotes, fotos e folia. Só, a poesia passa ao largo, e algo de nada a separa do sarcófago. Os curadores do poeta curatelado passam mais rente à tumba, mesmo não se distinguem das múmias, e as faixas a que estão enrolados, imobilizados rumo ao eterno, são antes de tudo as folhas recentes de um livro daquele, o curatelado.

Explicação da dor

Não a dor de tatuagem verdadeira,
física, lancinante e de agulhas,
mas a dor de tatuagens de chicletes,
aquelas de mentirinha e saliva,
no momento em que sumindo
de seu bracinho infante, sem mais
ou menos. Rupestre rompante.

Questão de ordem

Como explicar aos amigos neste bar o fato de que ao sair de casa passei a chave na porta comigo dentro?

Velho envelope

Dentro dele não há dinheiro
nem pedido de socorro.
Não há saudades de mamãe
nem o testamento secreto.
Não há nada que valha a pena.
O velho envelope: encardido,
amassado e esburacado,
é grávido de banalidades.
Contém a fática besteira,
um teste para a tosca linguagem,
a função menos encantadora
das que elencou Jakobson:
o velho envelope traz consigo.
Talvez a acompanhará até o lixo,
aos bastidores do código.
E estará feliz com o sigilo
empenhado, a cola maculada,
o selo e toda a viagem.

Meia-luz

Rien de rien

O que tenho a dizer
é ninguém, nada e nunca.
São certezas caducas,
é meu modo de ser,

que verbero a valer
e ninguém, nada, nunca
derruba ou mesmo truca
o veto absurdo, vê,

de estar na rua como
livro na minha estante,
indomável e domo,

um refém do rompante
de quem o toma, tomo
ainda que instigante.

O destino, o fogo

Se eu esconder as cartas,
dispersar os incensos e
sabotar o vaticínio de Delfos,

um destino poderei decidir?
A centelha de discórdia:
destituir dos profetas

as ferramentas. Meu signo
será remoto. E saberei o que
persigo: a cidade sonhada.

Nuns livros está seu endereço,
o endereço de Babel.
O sei de cor quando refletem

em minhas pupilas as chamas
do Pantanal. Vou à cidade sonhada
anunciar o fim do mundo.

Anunciar o fim do mundo
e um destino previsto:
É a mais urgente tarefa.

A lágrima a menos

Cai, pingo de saudade,
do olho míope, feito
de tragédia, eleito
das miragens. Pois arde

a severa verdade
singrando-me o respeito
da bochecha sem jeito.
Penso, como a cidade

planejada, que sinto
de oráculos a ausência.
Então (morra se minto):

caia com excelência,
chuvinha-labirinto,
enigma e paciência.

He hum não querer mais que bem querer

A braguilinha aberta,
o umbiguinho de fora,
Deus fez-te, senhora,
para ninguém, na certa,

interpor vãs ofertas,
mas admirar-te agora
(nuvem de Monet, chora
cavaco e chaga aberta).

Rolem pedras, percamos
sono, mesmo memória,
pouco necessitamos

bem diante da glória.
E ignorar aonde vamos
é vital para a história.

Eu: todo mundo

E portanto administro
o peito que é feito
de cinzas (em respeito
às brasas do sinistro

passado). Ali registro
a vergonha, os efeitos
da infâmia, os defeitos
de Cristo. Os administro

porque a rigor eu quero
os suplícios todos
para mim. (Tenho esmero,

uma cama de lodo,
e um verso bem sincero:
não sou parte do todo?)

Si vis pacem para bellum

Há uma guerra santa
por debaixo da cama,
naqueles a que se ama.
Há por batalhar tanta

coisa e tão pouca encanta,
que se se vence, a chama
de si menos inflama,
e então não mais levanta.

Há que portar as armas
sempre, em todo caminho.
Trilha-os, que tal carma

profere o pergaminho.
Resta rogar, sem alarma,
pra não andar só sozinho.

Para habitar a fera, aceitá-la

O tempo comemora
todas e quaisquer pausas.
As que sejam a causa
de um suspiro, a demora

da fumaça indo embora,
borboleta que pousa,
roupa que se escolhe e usa.
O tempo comemora

com uma dignidade
de trem desgovernado.
Não freia, é verdade,

mas há se serenado,
e com sinceridade
aproveita o traslado.

Mateus 18:8

Por vezes um pé, o sexo ou uma mão
está ali como não lhe pertencesse. Escandaliza
a vista, é alheio. Corpo é motor de arranque

feito de peças estrangeiras, motor de arranque
a pegar no tranco, com pancadas da mão
que, como o resto, lhe escandaliza.

O concerto, meu corpo escandaliza
dissonante. Até que me arranquem
e joguem fora aquela que escreve, a mão.

A mão que lhe escandaliza, a arranque.

Constatação em face da obra- prima que postergo

Ninguém escreverá
a obra-prima que postergo.
A obra de que o Diabo
me desvia pois Deus
está bastante cego.

Como ninguém rabiscou
um pinto enrijecido
nas carteiras do colégio
— eu não as houvesse
bem abastecido.

Em meu lugar jamais
outro (meu duplo,
meu anjo, o Tinhoso)
fará o indispensável.
Sou orgulhoso.

Lares

Habito a bigorna
e espero a martelada,
expiando uns pecados.

Há um anjo que sussurra
em meus ouvidos
(é de seu feitio):

depois habitarás a cova,
e esperarás a morte,
espiando umas alegrias.

A remoenda dos erros

Para desfazer um erro,
sustar a remoenda
dos atos, com a venda
nos olhos. O desterro

é no colchão de ferro,
pena que te arrependa
das rédeas sem emenda.
Para desfazer um erro

— sobretudo rasteje.
Para o príncipe há lama,
sarjeta a que se beije:

faz dela sua cama,
sai de lá todo bege.
O erro depois reclama.

Tirteu

Por ocasião da Segunda Guerra Messênia,
os espartanos, aconselhados tanto do Oráculo
quanto da urgência, pediram emprestado
aos atenienses um general, versado em
[estratégia.

Atenas, um pouco por zombaria e impelida
pela rivalidade, enviou a Esparta um inválido:
era coxo e, como não bastasse, poeta.
Era Tirteu, que não compunha as linhas de
[frente

dos batalhões, mas as de hinos exortativos.
Aos indômitos de Esparta, as elegias
[inspiraram
um estado de bravura absoluta, a ponto de
[restá-los
tão somente a vitória sobre os messênios.

Parafuso

Adentro meu futuro
bem como o parafuso,
gasto conforme o uso,
entra também no furo:

roscando-me no escuro
de curtos, indifusos
caminhos. Com os musos
breu e muros me torturo.

Até pouco sobrar
daquilo que sou, fui
vergão na pele do ar.

Sujo metal que rui
do modo que calhar.
(Tosco, básico eu fui.)

He hum ter com quem nos mata lealdade

O finado amor jamais repatria
o frisson das free souls que persistia
antes, antes da união dos amantes.

Se muito, condena a crer em piores
cicatrices, pintar de parcas cores
o novo arco-íris, cinza e distante.

O ido amor, coletânea de tristezas,
é por conceito uma sandália emborque,
disposta às superstições e presa
de culpas vãs e tantos entrechoques.

Por isso, ter como pedra de toque
da vida e referência de grandeza,
nada mais que este preclaro enfoque:
a reboque do amor vai a beleza.

Grafia saudade

Mantenho-te bem viva
como fosse modesta
lembrança de uma festa,
morna, risonha, altiva.

Não vou atrás da missiva
de olvido, razão impestada,
quero chorar, sim, desta
mortalha que não sirva.

Escrevo seu só nome
no espelho, após o banho
(é grafia da fome

da memória, estranho
tipo de pedra-pomes),
pra o ver sumir, tamanho.

Anatomia do indigesto

Em um tempo indiscretas,
solenes, parabólicas,
minhas tão diabólicas
orelhas bem abertas.

Em um tempo cobertas,
falhíssimas e módicas,
minhas pouco utópicas
pálpebras algo alertas.

Enxergo e ouço, penso,
conforme o sabor posto
na vida. Já dispenso

o correto desgosto
de sentidos ou de incensos,
emblemas dos escrotos.

Rooftop concert

O suicida ensaia
o seu próprio rooftop
concert. Ainda que caia,
no chão o corpo tope

e a despedida saia,
como a dos Beatles sobre
vida, mas não atraia
o tristíssimo golpe

do sonho que termina.
A existência é mina
que estoura sem aviso.

O lembrete é preciso:
calma ao andar o piso
que tudo determina.

2020 e 2021

Saúdo a distância
(há quanto não a sentia)
que há entre meu corpo
e o corpo social.

Posso chamar-te zona
de conforto?
Ou o desespero
tomou-nos a cabeça?

Há um fim de mundo
no noticiário.
E nenhum Super-Homem
no Planeta Diário.

Nova carta a um jovem poeta

Não plante a solidão
no peito, como Rilke —
ela nasce. Um rio que
regue torne-se, e não

o que faz comunhão
com o estio. Não fique
feito nunca se explique,
deus mudo, Orfeu órfão.

Ainda a uma Duíno
vamos, compor os hinos
que eternizem e curem

a dor que jamais ouvem,
se gritamos, os homens,
os anjos e os meninos.

Duas faces: uma

Ela e ele capricham o melhor dos beijos,
a performance quente sob a chuva
tímida. Tímido, apenas um semblante

molha-se. Composto, semblante
único, das metades (que beijo!)
a receber as pontadinhas de chuva.

Acompanha-os dentro da chuva
outra carícia, que o unívoco semblante
goza molhadinho. Outro ímpar beijo.

O beijo da chuva no ímpar semblante.

Há um pouso

Hesitante e exitoso:
termos que compreendem,
senão bem apreendem,
da extensa vida o gozo

fugaz: o tal feroso
duelo a que atendem
os homens, a que tendem
os vermes. Há um pouso

para quaisquer das aves,
urubu, urutau. Instante
virá do rasante, clave

presentida. Perante
ninho ou fio se salve.
Exitoso e habitante.

As reprises

Visto roupa de enterro
pra dar à luz algumas
memórias. São plumas
que o vento nutre de erro.

Tempo vil, de desterro
em emoções nenhuma
ou equívocas, em suma
era tempo de cerro

nos olhos, fechaduras
sem enigma na boca.
Um passado que dura

nas vergonhas, mas toca
o peito por candura
e alegria pouco pouca.

Coração imprudente

Lembro daquele cheiro:
mexerica nas mãos
tuas. Ardo por inteiro
porque sei a solidão

desses gomos que em vão
hoje como. Certeiro
é estar só, sem razão
num gonzo fevereiro.

Perco o jeito, do riso
meu a vida se descola.
Sou banguela de siso,

mas algo me consola:
dele há o canto conciso:
Paulinho da Viola.

Fio de Ariadne

Me traga sempre teso
aquele fio, Teseu.
De onde se meteu
saia, mesmo com peso

às costas ou preso
por Minotauro. Deu
a linda dama seu
beijo e lã, tem aceso

fogo, então se vire,
mas sai do labirinto.
Tão cedo se retire

(pois eu não te minto),
verá outro. Respire:
tudo é labirinto.

Recrux

O legado destinado a mim
é um livro que não lerei até o fim.
Não porque ele enfada-me,

mas porque será, o legado
a mim destinado, o livro que não lerei
até o fim pois morri durante.

Porque a biblioteca transcendente
possui algumas estantes acessíveis
e outras igualmente,

o que não há é tempo
para carregar a cruz de palavras,
mas as palavras estão lá e tento.

Outra Safo

O Eros doceamargo
(e tecelão de mitos)
tanto fez esquisito
amar, sofrer, que os largo

de mão antes do estrago
final. E lego aflito
o concluso conflito:
afogar-me no lago

onde só há sereias
e a celebríssima ilha.
Que de tão belas, feias

e mortais. Assim brilha
muita Última Ceia.
Restritas maravilhas.

He cuidar que ganha em se perder

A sandalhinha dela,
fazendo esse tec-tec,
faz também um tec-tec,
escuto-a da janela,

no meu coração. Ela
nem repara que seque,
assim, com seu tec-tec,
mares, dê luz à cela

onde vivo e bem morto
logo ficarei, finda
a beleza em que absorto

me demoro e fim da
linha. E ainda é torto
um dos pés. Coisa linda.

CruX

De que maneira ser
o sal da terra, o barro
original, se escarro
é quanto receber

resta (a um mísero ser)
do vendilhão do sarro?
Se não há desamarro,
há pedra e pão a ver

com o Diabo, apóstolos
assim enfileirados
e Herodes após tolos.

Serve crucificado
ora ser, sem repô-los
amor, senão mau grado?

Cartilha

Arrancar da vida o essencial,
como Dom Quixote:

a quem o essencial era transformar
toda a vida em algo digno de adoração.

Arrancar da adoração o essencial,
como Cristo: a quem adorar

era algo como amar e sua essência
abrange o nexo do perdão.

Arrancar do perdão uma culpa
que valha rearrancá-lo dela.

Song of innocence

Pra que jamais o mundo
acabe, pulem corda,
crianças, nas bordas
do abismo, sem o fundo

mirar. Com pudibundos
sorrisos, a linda horda
de carneiros acorda
a Deus e algum dos

desígnios impede
o fim das esperanças.
O mal jamais sucede.

Por isso a corda, a dança.
Atende a quem pede,
demônio em crianças.

O batismo de fogo

Uma noite, Joana de Aza, prenehe de São Domingos de Gusmão, sonhou trazer dentro de si um cachorro.

Com os dentes pontiagudos ele segurava uma tocha grávida de pirotecnia. Ao ser dado à luz, incendiou o universo.

É possível que a profecia sonhada aponte à iluminação que o santo filho trouxe ao mundo através do Evangelho

e da ação. Mas também ao fogo que consumiu todo o Languedoc depois que São Domingos de Gusmão

não foi bem-sucedido em converter hereges e liberais, restando ao Papa Inocêncio III convocar guerra contra a região.

Mallarmé Borges

Depois do livro resta
a antiga carne, o mundo
que torna em fim de festa
tão triste quanto absurdo.

Deixo as bibliotecas
como quem volta mudo
duma e cai noutra Meca,
de sons, sonos mais fundos.

Se há véspera alguma
de tão estranho escarro,
não denuncia a espuma

e eu, que vinha do barro,
estou menos, em suma,
que um toco de cigarro.

ÍNDICE

Preâmbulo.....	4
A mácula.....	5
Política literária (infantojuvenil).....	6
Na terceira década do século XXI.....	7
Prodígio.....	8
Explicação da falta.....	9
He hum estar-se preso por vontade.....	10
É mais tarde do que supões.....	11
Um dos deuses mais lindos.....	12
O grande circo místico.....	13
Outro picadeiro.....	14
O teatro de sombras.....	15
Outro palco.....	16
He hum contentamento descontente.....	17
Locus amoenus.....	18
Itinerário.....	19
A flor sem charme.....	20
O vaticínio.....	21
Atos de Pedro.....	22
A metafísica da goiaba.....	23
Routine on canvas.....	24
He servir a quem serve o vencedor.....	25
Zigeunerweisen.....	26
Mané.....	27
A chegada do sonho.....	28
Cinessonho.....	29
Cabala menor.....	30
He solitario andar por entre a gente.....	31
O poeta curatelado.....	32
Explicação da dor.....	33
Questão de ordem.....	34
Velho envelope.....	35
Rien de rien.....	37
O destino, o fogo.....	38
A lágrima a menos.....	40
He um não querer mais que bem querer.....	41
Eu: todo mundo.....	42
Si vis pacem para bellum.....	43
Para habitar a fera, aceitá-la.....	44
Mateus 18:8.....	45
Constatação em face da obra-prima que postergo....	46
Lares.....	47
A remoenda dos erros.....	48

Tirteu.....	49
Parafuso.....	50
He hum ter com quem nos mata lealdade.....	51
Grafia saudade.....	52
Anatomia do indigesto.....	53
Rooftop concert.....	54
2020 e 2021.....	55
Nova carta a um jovem poeta.....	56
Duas faces: uma.....	57
Há um pouso.....	58
As reprises.....	59
Coração imprudente.....	60
Fio de Ariadne.....	61
Recrux.....	62
Outra Safo.....	63
He cuidar que ganha em se perder.....	64
Crux.....	65
Cartilha.....	66
Song of innocence.....	67
Batismo de fogo.....	68
Mallarmé Borges.....	69

Colecção

digit@lmente

Título: **O TEATRO DE SOMBRAS**
Autor: **PAULO MANOEL RAMOS PEREIRA**

Edição em Formato Livro: **2021**
Edição em Formato Digital: **Julho de 2021**

Em 2020, a Colecção Digitalmente acolheu todo o acervo da edito
para uma melhor leitura online.

© **Autor e Elefante Editores**
para esta edição digital

Contacto:
elefante@elefante-editores.net



Ideias e Paixões que vamos descobrindo
em cada livro e em cada palavra

www.elefante-editores.co.pt

Editores de Poesia desde 1997